

Viagem à roda
do meu quarto

XAVIER DE MAISTRE

Viagem à roda
do meu quarto
seguido de
Expedição noturna
à roda do meu quarto

Tradução
Marques Rebelo

Posfácio
Valentim Facioli



Estação Liberdade

Título original: *Voyage autour de ma chambre/Expedition nocturne autour de ma chambre*

© 2008 Editora Estação Liberdade, para esta tradução

<i>Revisão de tradução</i>	Osmar Portugal Filho
<i>Revisão</i>	José Antonino de Andrade, Paulo Cesar Pereira de Melo e Fabiano Calixto
<i>Composição</i>	Johannes C. Bergmann / Estação Liberdade
<i>Ilustração e projeto gráfico de capa</i>	Natanael Longo de Oliveira
<i>Editores</i>	Angel Bojadsen e Edilberto Verza

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

M193v

Maistre, Xavier de, 1763-1852

Viagem à roda do meu quarto e Expedição noturna à roda do meu quarto / Xavier de Maistre ; [posfácio de Valentim Facioli] ; tradução de Marques Rebelo. – São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

168p.

Tradução de: Voyage autour de ma chambre ;
Expedition nocturne autour de ma chambre
ISBN 978-85-7448-146-3

1. Romance francês. I. Rebelo, Marques, 1907-1973.
I. Título. II. Título: Expedição noturna à roda do meu quarto.

08-2810.

CDD 843

CDU 821.133.1-3

Todos os direitos reservados à

Editora Estação Liberdade Ltda.
Rua Dona Elisa, 116 | 01155-030 | São Paulo-SP
Tel.: (11) 3661 2881 | Fax: (11) 3825 4239
www.estacaoliberaldade.com.br

SUMÁRIO

- 9 VIAGEM À RODA DO MEU QUARTO
- 85 EXPEDIÇÃO NOTURNA À RODA
DO MEU QUARTO
- 153 POSFÁCIO
O romance da contraviagem
Valentim Facioli

Viagem à roda
do meu quarto

I

Como é glorioso abrir uma nova carreira e aparecer de repente no mundo sábio, um livro de descobertas na mão, como um cometa inesperado que cintila no espaço!

Não, não conservarei mais o meu livro *in petto*; aqui o tendes, senhores, lede. Eu empreendi e executei uma viagem de quarenta e dois dias à roda do meu quarto. As observações interessantes que fiz e o prazer contínuo que experimentei ao longo do caminho davam-me o desejo de torná-la pública; a certeza de ser útil me convenceu a fazê-lo. Meu coração sente uma satisfação inexprimível quando penso no número infinito de infelizes a quem ofereço um recurso certo contra o tédio e um calmante para os males que sofrem. O prazer que se sente ao viajar em seu quarto está ao abrigo do ciúme inquieto dos homens; é independente da fortuna.

E haverá, com efeito, algum ente tão infeliz, tão abandonado que não tenha um reduto para onde possa retirar-se e esconder-se de todo mundo? Eis todos os preparativos da viagem.

Estou certo de que todo homem sensato há de adotar o meu sistema, qualquer que seja o seu caráter, qualquer que

seja o seu temperamento; quer seja avarento ou pródigo, rico ou pobre, jovem ou velho, nascido sob a zona tórrida ou nas proximidades do pólo, poderá viajar como eu; enfim, dentro da imensa família dos homens que formigam na superfície da terra, não há um único — não, um único (refiro-me aos que moram nos quartos) que possa, depois de ter lido este livro, recusar a sua aprovação à nova maneira de viajar que introduzo no mundo.

II

Eu poderia começar o elogio de minha viagem por dizer que ela nada me custou; este artigo merece atenção. Ei-lo primeiramente celebrado, festejado pelas pessoas de medíocres posses; há uma outra classe de homens perante a qual ela tem possibilidade de êxito ainda maior, pela mesma razão de nada custar. — Perante quem, pois? O quê! Ainda o perguntais? Perante as pessoas ricas. Aliás, quão proveitosa não será esta maneira de viajar para os doentes! Não terão de recear a intempérie do ar e das estações. — Quanto aos poltrões, eles estarão protegidos dos salteadores; não encontrarão precipícios nem ribanceiras. Milhares de pessoas que antes de mim nunca tinham ousado, outras que não tinham podido, outras finalmente que não tinham sonhado viajar, vão agora decidir-se com meu exemplo. O indivíduo mais indolente hesitará, porventura, em pôr-se a caminho comigo para alcançar um prazer que não lhe custará nem incômodo

nem dinheiro? — Coragem, pois; partamos. — Sigam-me todos a quem uma mortificação do amor, uma negligência da amizade, retém no seu quarto, longe da pequenez e da perfídia dos homens. Que todos os infelizes, doentes e entediados do universo me sigam! — Que todos os preguiçosos levantem-se em *massa*! E vós todos que acalentais no espírito sinistros projetos de reforma ou de retirada por qualquer infidelidade; vós que, numa alcova, renunciáveis ao mundo por toda a vida; amáveis anacoretas de uma noite, vinde também: abandonai, crede-me, essas negras idéias; estais perdendo um instante para o prazer sem ganhar nenhum para a sabedoria: condescendei em acompanhar-me na minha viagem. Seguiremos por pequenas jornadas, rindo, ao longo do caminho, dos viajantes que viram Roma e Paris. — Nenhum obstáculo poderá deter-nos; e, entregando-nos jovialmente a nossa imaginação, segui-la-emos por toda parte onde ela se compraza em nos conduzir.

III

Há tantas pessoas curiosas no mundo! Estou convencido de que gostariam de saber por que a minha viagem à roda do meu quarto durou quarenta e dois dias em vez de quarenta e três, ou de qualquer outro espaço de tempo. Mas como hei de explicá-lo ao leitor, se eu próprio ignoro? Tudo o que posso assegurar é que, se a obra é por demais comprida para o seu gosto, não dependeu de mim torná-la mais breve;

pondo de parte toda vaidade de viajante, ter-me-ia contentado com um capítulo. Estava, é verdade, no meu quarto, com todo o prazer e toda a comodidade possíveis, mas, ai de mim!, não era senhor de sair dele à minha vontade; creio mesmo que, sem a intervenção de certas pessoas poderosas que se interessavam por mim, e para as quais o meu reconhecimento não se apagou, eu teria tempo até de dar um *in-folio* a lume, tão dispostos em meu favor estavam os protetores que me faziam viajar em meu quarto!

E, contudo, leitor razoável, vede quão pouca razão tinham esses homens, e apossai-vos bem, se puderdes, da lógica que passo a vos expor.

Haverá alguma coisa mais natural e mais justa do que bater-se com alguém que vos pisa o pé por inadvertência, ou que deixa escapar algum termo picante num momento de despeito causado por vossa imprudência, ou enfim que tenha o infortúnio de agradar a vossa amante?

Vai-se a um campo e, lá, como fazia Nicole com o Burguês Fidalgo, tenta-se dar as cartas enquanto ele se defende; e, para que a vingança seja segura e completa, é-lhe apresentado o peito a descoberto, correndo-se o risco de se fazer matar pelo inimigo para dele se vingar. — Vemos que nada é mais conseqüente, e, todavia, existe gente que desaprova este louvável costume! Mas o que é tão conseqüente como tudo mais é que essas mesmas pessoas que o desaprovam e que o querem visto como uma falta grave, tratariam ainda pior aquele que recusasse cometê-la. Mais de um infeliz, por se conformar com tal opinião, perdeu a reputação e o emprego; de forma que, quando se tem o infortúnio de ter

o que se chama um *affaire*, não faria mal tirar a sorte para saber se convém terminá-lo segundo as leis ou segundo o costume, e como as leis e o costume são contraditórios, os juízes poderiam também jogar nos dados a sua sentença. — E provavelmente é também a uma decisão desse gênero que será preciso recorrer para explicar por que e como a minha viagem durou exatos quarenta e dois dias.

IV

Meu quarto está situado sob o quadragésimo quinto grau de latitude, conforme as medições do padre Beccaria; sua direção é do levante para o poente; ele forma um retângulo que mede trinta e seis passos, seguindo-se bem rente à parede. Todavia, a minha viagem há de conter mais que isso; pois atravessarei o quarto muitas vezes no comprimento e na largura, ou então diagonalmente, sem seguir regra nem método. — Farei até ziguezagues, e percorrerei todas as linhas possíveis em geometria, se a necessidade o exigir. Não gosto das pessoas que são tão donas dos seus passos e das suas idéias, que dizem: “Hoje eu farei três visitas, escreverei quatro cartas, terminarei esta obra que comencei”. — A minha alma é de tal modo aberta a toda sorte de idéias, de gostos e de sentimentos; recebe tão avidamente tudo o que se apresenta!... — E por que haveria ela de recusar os gozos que estão dispersos pelo difícil caminho da vida? Eles são tão raros, tão disseminados, que seria

preciso estar louco para não se deter, desviar-se mesmo do próprio caminho, para colher todos os que estiverem ao nosso alcance. Não há nenhum mais atraente, no meu entender, do que o de seguir a pista das próprias idéias, como o caçador persegue a caça sem que pareça observar qualquer rota. Por isso, quando viajo pelo meu quarto, raramente percorro uma linha reta: vou da minha mesa até um quadro colocado num canto; dali parto obliquamente para ir até a porta; mas, embora esta seja a minha intenção ao partir, se no caminho encontro a minha poltrona não faço cerimônia e acomodo-me nela imediatamente. — É um excelente móvel uma poltrona; é, sobretudo, de extrema utilidade para todo homem meditativo. Nas longas noites de inverno, é algumas vezes agradável e sempre prudente nela nos recostar-mos indolentemente, longe do fragor das assembléias numerosas. — Uma boa lareira, livros, penas; quantos recursos contra o tédio! E que prazer, também, esquecer os livros e as penas para atizar o fogo, entregando-se a alguma doce meditação, ou compondo umas rimas para alegrar os amigos! As horas então deslizam sobre nós, e caem em silêncio na eternidade, sem nos fazer sentir a sua triste passagem.

V

Depois da minha poltrona, caminhando para o norte, descobre-se o meu leito, que está colocado ao fundo do

meu quarto, e que estabelece a mais agradável perspectiva. Ele está disposto da maneira mais feliz: os primeiros raios do sol vêm se divertir em minhas cortinas. — Eu os vejo, nos belos dias de verão, avançarem ao longo da parede branca à medida que o sol vai subindo: os olmos que ficam diante da minha janela dividem-nos de mil maneiras e os fazem balançar sobre o meu leito, cor-de-rosa e branco, que espalha para todos os lados uma luz encantadora pela sua reflexão. — Ouço o gorjear confuso das andorinhas que se apoderaram do telhado da casa, e o dos outros pássaros que habitam os olmos: então, mil idéias risonhas ocupam-me o espírito; e, no universo inteiro, ninguém tem um despertar tão agradável, tão tranqüilo como o meu.

Confesso que amo gozar esses doces instantes, e que prolongo sempre, tanto quanto possível, o prazer que encontro em meditar no doce calor do meu leito. — Haverá um teatro que empreste mais à imaginação, que desperte idéias mais ternas do que o móvel em que por vezes me ausento? — Leitor modesto, não vos assusteis; mas então eu não poderia falar da felicidade de um amante que aperta pela primeira vez em seus braços uma esposa virtuosa? Prazer inefável, que o meu mau destino me condena a não gozar jamais! Não é num leito que uma mãe, embriagada de alegria com o nascimento de um filho, esquece as suas dores? É ali que os prazeres fantásticos, frutos da imaginação e da esperança, vêm nos agitar. — Enfim, é nesse móvel delicioso que esquecemos, durante uma metade da vida, os dissabores da outra metade. Mas que multidão de pensamentos agradáveis e tristes se agitam ao mesmo tempo

no meu cérebro! Mistura espantosa de situações terríveis e deliciosas!

Um leito nos vê nascer e nos vê morrer; é o teatro variável onde o gênero humano representa alternadamente dramas interessantes, farsas risíveis e tragédias apavorantes. — É um berço guarnecido de flores — é o trono do amor — é um sepulcro.

VI

Este capítulo não se destina, absolutamente, senão aos metafísicos. Ele vai lançar a máxima luz sobre a natureza do homem: é o prisma com o qual se poderá analisar e decompor as faculdades do homem, separando o poder animal dos raios puros da inteligência.

Ser-me-ia impossível explicar como e por que queimeei os dedos aos primeiros passos que dei, começando minha viagem, sem explicar ao leitor, com mais detalhes, o meu sistema *da alma e da besta*. — Esta descoberta metafísica influi, aliás, de tal modo nas minhas idéias e nas minhas ações que seria muito difícil compreender este livro se eu não desse a sua chave logo no começo.

Percebi, por diversas observações, que o homem é composto de uma alma e de uma besta. — Estes dois seres são absolutamente distintos, mas de tal modo estão encaixados um no outro, ou um sobre o outro, que é preciso que a alma tenha uma certa superioridade sobre a besta para estar em condição de distinguir-se.

Aprendi com um velho professor (é o mais distante de que me lembro) que Platão chamava a matéria de *o outro*. Está muito bem; mas eu preferiria dar este nome por excelência à besta que está junto a nossa alma. É realmente esta substância que é *a outra*, e que nos importuna de uma maneira tão estranha. Percebe-se bem pelo alto que o homem é duplo; mas isso porque, diz-se, ele é composto de uma alma e de um corpo; e acusa-se este corpo de não sei quantas coisas, mas bem mal a propósito com certeza, pois ele é tão incapaz de sentir como de pensar. É a besta que devemos incriminar, esse ente sensível, perfeitamente distinto da alma, verdadeiro *indivíduo*, que tem a sua existência separada, os seus gostos, as suas inclinações, a sua vontade, e que não está acima dos outros animais senão por ser melhor educado e provido de órgãos mais perfeitos.

Senhores e senhoras, tende orgulho da própria inteligência, tanto quanto vos agrada; mas desconfiai bastante da *outra*, sobretudo quando estiverdes juntos!

Tenho feito não sei quantas experiências sobre a união dessas duas criaturas heterogêneas. Por exemplo, reconheci claramente que a alma pode fazer-se obedecer pela besta, e que, em deplorável contrapartida, esta obriga muitas vezes a alma a agir contra a sua vontade. Em regra, uma tem o poder legislativo, a outra o poder executivo. Mas estes dois poderes contrariam-se muitas vezes. — A grande arte de um homem de gênio é saber educar bem a sua besta, a fim de que ela possa seguir sozinha, enquanto a alma, livre desse penoso relacionamento, possa elevar-se até o céu.

Mas é preciso esclarecer isto com um exemplo.

Quando estais lendo um livro, caro senhor, e uma idéia mais agradável entra de repente em vossa imaginação, a vossa alma imediatamente se deixa agarrar e esquece o livro, enquanto os olhos vão seguindo maquinalmente as palavras e as linhas; acabais a página sem compreendê-la e sem vos lembrardes do que lestes. — Isto vem do fato de que a vossa alma, tendo ordenado à companheira que continuasse a leitura, não a advertiu da ligeira falta que ia fazer; de modo que *a outra* continuava a leitura que a vossa alma não mais ouvia.

VII

Não vos parece isso claro? Eis aqui outro exemplo:

Um dia do verão passado, pus-me a caminho para ir até a corte. Tinha passado toda a manhã pintando, e a minha alma, comprazendo-se em meditar sobre a pintura, deixou à besta o cuidado de me transportar ao palácio do rei.

“Que arte sublime é a pintura!”, pensava a minha alma; feliz aquele que foi tocado pelo espetáculo da natureza, que não é obrigado a fazer quadros para viver, que não pinta unicamente por passatempo, mas que, impressionado pela majestade de uma bela fisionomia e pelos jogos admiráveis da luz que se funde em mil tons sobre o rosto humano, esforça-se por alcançar em suas obras os efeitos sublimes da natureza! Feliz também o pintor a quem o amor da paisagem arrasta aos passeios solitários, que sabe exprimir sobre a tela o sentimento de tristeza que lhe inspira um

bosque sombrio ou um campo deserto! Suas produções imitam e reproduzem a natureza; ele cria mares novos e negras cavernas desconhecidas pelo sol: à sua ordem, verdes bosques saem do nada, o azul do céu reflete-se nos seus quadros; ele conhece a arte de turvar os ares e de fazer rugirem as tempestades. Outras vezes ele oferece ao olho do espectador encantado os campos deliciosos da antiga Sicília: vêem-se as ninfas desvairadas fugindo, por entre os juncaes, à perseguição de um sátiro; templos de majestosa arquitetura erguem sua fachada soberba por sobre a floresta sagrada que os rodeia: a imaginação se perde nas estradas silenciosas desse país ideal; azulados longínquos confundem-se com o céu, e a paisagem inteira, repetindo-se nas águas de um rio tranqüilo, forma um espetáculo que nenhuma língua pode descrever. — Enquanto a minha alma tecia estas reflexões, *a outra* seguia em seu passo, e Deus sabe para onde ia! Em vez de se dirigir à corte, conforme a ordem que havia recebido, ela derivou de tal modo para a esquerda que, no momento em que minha alma a alcançou, ela estava à porta de madame de Hautcastel, a meia milha do palácio real.

Que o leitor imagine o que teria acontecido se ela tivesse entrado totalmente só em casa de uma senhora tão formosa.

Se é útil e agradável ter uma alma desembaraçada da matéria a ponto de fazê-la viajar sozinha quando se julga conveniente, esta faculdade tem também as suas desvantagens. É a ela, por exemplo, que eu devo a queimadura de que falei nos capítulos precedentes. — Dou ordinariamente à minha besta o cuidado do preparo de meu desjejum; é ela que torra o meu pão e que o corta em fatias. Faz maravilhosamente o café, e muitas vezes até o toma sem que a minha alma se intrometa, a menos que esta se entretenha vendo-a trabalhar; mas isso é raro e muito difícil de executar: pois é fácil, quando se faz qualquer operação mecânica, pensar em coisas muito diferentes; mas é extremamente difícil observar-se em ação, por assim dizer — ou, para me explicar segundo o meu sistema, empregar a alma em examinar a marcha da besta e em vê-la trabalhar sem nisso tomar parte. Aí está o mais espantoso *tour de force* metafísico que o homem possa executar.

Eu tinha pousado minha tenaz sobre a brasa para fazer torrar o meu pão; e, algum tempo depois, enquanto a minha alma viajava, eis que um cepo inflamado rola sobre o fogareiro: a minha pobre besta levou a mão à tenaz, e eu queimei os dedos.

IX

Espero ter desenvolvido suficientemente as minhas idéias nos capítulos precedentes para dar que pensar ao

leitor, e para pô-lo em condições de realizar descobertas nesta brilhante carreira: não terá senão que ficar satisfeito de si, se chegar um dia a saber fazer a sua alma viajar sozinha; os prazeres que esta faculdade lhe há de proporcionar compensarão de sobra os quiproquós que daí poderão resultar. Pode haver gozo mais lisonjeiro que o de desdobrar assim a sua existência, de ocupar ao mesmo tempo a terra e os céus e de duplicar, por assim dizer, o próprio ser? — O desejo eterno e jamais satisfeito do homem não é o de aumentar seu poder e suas faculdades, de querer estar onde não está, de recordar o passado e de viver o futuro? — Ele quer comandar os exércitos, presidir as academias, quer ser adorado por belas mulheres; e, se ele possui tudo isso, tem então saudade dos campos e da tranqüilidade, e tem inveja da cabana dos pastores; seus projetos, suas esperanças encaham sem cessar contra as desgraças reais inerentes à natureza humana; ele não saberá encontrar a felicidade. Um quarto de hora de viagem comigo lhe mostrará o caminho certo.

Mas por que ele não deixa à *outra* esses miseráveis cuidados, essa ambição que o atormenta? — Vem, pobre infeliz! Faz um esforço para romperes a tua prisão, e, do alto do céu aonde te conduzirei, do meio das orbes celestes e do empíreo, olha a besta, lançada ao mundo, correndo sozinha pela carreira da fortuna e das honras; vê com que gravidade ela caminha por entre os homens: a multidão se afasta com respeito, e, crê, ninguém perceberá que ela vai só; o menor cuidado da turba no meio da qual passeia é o de saber se ela tem ou não uma alma, se ela pensa ou não. — Mil mulheres

sentimentais irão amá-la com fúria sem se aperceberem de nada disso; ela poderá mesmo se elevar, sem o socorro da tua alma, ao mais alto favor e à maior fortuna. — Enfim, eu não me espantaria nem um pouco se, ao retornarmos do empíreo, a tua alma, voltando para junto dela, se achasse dentro da besta de um grande senhor.

X

Não vá ninguém imaginar que, em vez de cumprir minha palavra dando a descrição de minha viagem à roda do meu quarto, ando divagando para me livrar de dificuldades: enorme engano, pois a minha viagem continua realmente; e enquanto a minha alma, concentrando-se em si mesma, percorria, no capítulo precedente, as veredas tortuosas da metafísica, — eu estava em minha poltrona, sobre a qual me havia prostrado, de maneira que os seus pés dianteiros se ergueram duas polegadas do chão; e balançando-me para a direita e para a esquerda, ganhando terreno, insensivelmente eu tinha chegado bem junto à parede. — É a minha maneira de viajar quando não tenho pressa. — Ali, minha mão se apossara maquinalmente do retrato de madame de Hautcastel, e *a outra* entretinha-se a tirar a poeira que o cobria. — Esta ocupação lhe dava um prazer tranqüilo, e este prazer se fazia sentir por minha alma, embora ela andasse perdida pelas vastas planícies do céu; pois é bom observar que, quando o espírito viaja assim pelo espaço, fica sempre

ligado aos sentidos por não sei que laço secreto; de sorte que, sem se incomodar com suas ocupações, ele pode tomar parte nos gozos pacíficos da *outra*; mas se este prazer aumenta até um certo ponto, ou se ela é surpreendida por algum espetáculo inesperado, a alma imediatamente retoma o seu lugar com a velocidade do relâmpago.

Foi o que me aconteceu enquanto limpava o retrato.

À medida que o lenço retirava a poeira e fazia aparecerem anéis de cabelos loiros e a guirlanda de rosas que os coroava, minha alma, de lá do sol para onde se tinha transportado, sentiu um ligeiro frêmito em seu íntimo, e compartilhou simpaticamente o gozo do meu coração. Este gozo tornou-se menos confuso e mais vivo quando o lenço, de uma só vez, descobriu a fronte brilhante dessa encantadora fisionomia; a minha alma chegou ao ponto de deixar os céus para gozar do espetáculo. Mas, estivesse ela nos Campos Elíseos, estivesse assistindo a um concerto de querubins, não teria lá ficado mais nem meio segundo, quando a sua companheira, tomando cada vez mais interesse por sua obra, lembrou-se de agarrar uma esponja molhada que se lhe apresentava e de passá-la de repente por cima das sobrancelhas e dos olhos; sobre o nariz; sobre as faces; sobre aquela boca — ah, Deus! Bate o meu coração —; sobre o queixo, sobre o peito: foi questão de um momento; toda a figura pareceu renascer e sair do nada. — Minha alma precipitou-se do céu como uma estrela cadente; encontrou *a outra* num êxtase arrebatador, que chegou a aumentar compartilhando-o. Esta situação singular e imprevista fez desaparecerem para mim o tempo e o espaço. — Eu existi por um instante no passado,

e remocei contra a ordem da natureza. — Sim, ei-la, esta mulher adorada, é ela mesma, eu a vejo sorrindo; ela vai falar para dizer que me ama. — Que olhar! Vem, que eu te aperto contra o meu coração, alma da minha vida, minha segunda existência! Vem participar de minha embriaguez e de minha felicidade! — Esse momento foi breve, mas foi arrebatador: a fria razão recuperou logo o seu império, e, num abrir e fechar de olhos, envelheci um ano inteiro — meu coração se tornou frio, gelado, e me encontrei nivelado com a multidão dos indiferentes que pesam sobre o globo.

XI

Não convém antecipar os acontecimentos: a pressa de comunicar ao leitor o meu sistema da alma e da besta fez-me abandonar a descrição do meu leito mais cedo do que devia; quando a tiver terminado, retomarei minha viagem no ponto em que a interrompi no capítulo precedente. — Peço-vos, apenas, que vos lembreis que deixamos *a metade de mim mesmo* segurando o retrato de madame de Hautcastel, bem junto da parede, a quatro passos da minha secretária. Tinha-me esquecido, quando falei da minha cama, de aconselhar a todas as pessoas que possam fazê-lo a ter uma cama cor-de-rosa e branca; é certo que as cores influem sobre nós a ponto de nos alegrarem ou de nos entristecerem, segundo os seus tons. — O cor-de-rosa e o branco são duas cores consagradas ao prazer e à

felicidade. — A natureza, dando-as à rosa, deu-lhe a coroa do império da Flora; e, quando o céu quer anunciar ao mundo um formoso dia, pinta as nuvens com essa tinta encantadora ao nascer do sol.

Um dia, subíamos com dificuldade ao longo de um atalho íngreme: a amável Rosália caminhava adiante; a sua agilidade dava-lhe asas: não podíamos segui-la. — De repente, chegando ao cume de um outeiro, ela se voltou para nós retomando a respiração e sorriu do nosso vagar. — Jamais talvez as duas cores que elogio teriam um triunfo assim. — As suas faces afogueadas, os seus lábios de coral, os seus dentes brilhantes, o seu pescoço de alabastro, sobre um fundo de verdura, impressionaram todos os olhares. Foi-nos preciso parar para contemplá-la: não digo nada dos seus olhos azuis nem do olhar que nos lançou, porque sairia do meu assunto e, além disso, porque é uma coisa em que sempre penso o menos possível. Basta-me ter dado o mais belo exemplo imaginável da superioridade dessas duas cores sobre todas as outras, e da sua influência sobre a felicidade dos homens.

Não seguirei mais adiante hoje. Que assunto poderia tratar agora que não fosse insípido? Que idéia que não fosse desvanecida por aquela idéia? — Não sei mesmo quando poderei recommençar o trabalho. — Se eu o continuar, e se o leitor lhe desejar ver o fim, dirija-se ao anjo distribuidor dos pensamentos, e peça-lhe que nunca mais envolva a imagem daquele outeiro entre a multidão de pensamentos desconexos que ele me joga a todo instante.

Sem esta precaução, adeus minha viagem.